

**A FUSÃO DE GÊNEROS LITERÁRIOS NA COLUNA “DIÁLOGOS” (1895-1899) DE FIGUEIREDO COIMBRA (1866-1899)**

Marcela FERREIRA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo analisar a coluna “Diálogos” de Figueiredo Coimbra (1866-1899), que foi publicada de 1895 a 1899 no periódico *A Notícia* do Rio de Janeiro. Pretende-se estudar a proposta criativa desenvolvida na coluna e, assim, promover um conhecimento da crônica brasileira em suas diferentes formas estéticas. Os “Diálogos” reuniam humor e dramaticidade, realizando uma representação literária do cotidiano dos cariocas do final do século XIX. O autor que, além de cronista, era teatrólogo, combinava em seus escritos as características da crônica e das revistas de ano, estabelecendo uma ligação entre essas duas formas. Nos “Diálogos”, as personagens eram aglomeradas em uma cena dramática, a qual se passava nas diversas ruas do Rio de Janeiro, nas casas de família, nos salões de festas, nos jornais, nos teatros e em diversos lugares comuns às pessoas daquela época; essas davam seus conselhos, proferiam suas opiniões e criticavam atitudes dos familiares, dos amigos e do governo.

**RESUMEN:** Este artículo objetiva analizar la columna “Diálogos” de Figueiredo Coimbra (1866-1899), que tuvo su publicación de 1895 a 1899 en el periódico *A Notícia* del Rio de Janeiro. Nuestro propósito es investigar su ingeniosa crónica en las distintas formas estéticas presentadas durante el período. La columna reunía humor y dramatización, haciendo hincapié en una representación literaria del cotidiano de los “cariocas” del siglo XIX de manera a observarse una combinación de características de la crónica y del teatro de revista.

No século XIX, as crônicas eram chamadas de folhetins, mantendo um caráter híbrido entre a literatura e o jornalismo. Davi Arrigucci Jr afirma que:

Quando aparece no meio de nós, na segunda metade do século XIX, a crônica já lida com uma matéria muito misturada: a matéria do folhetim, pedaço de página por onde a literatura penetrou fundo no jornal, tratando dos temas mais diversos, mas com predominância dos aspectos da vida moderna (Arrigucci Jr., 1985: 47).

Muitos escritores praticaram esse gênero, escrevendo nos mais diversos periódicos; um desses era Figueiredo Coimbra, que colaborou em diversos jornais como a *Gazeta da Tarde*, em 1886, o *Mequetrefe*, em 1887, e n’*A Notícia*, com as colunas “Notas de um simples” e “Diálogos”, de 1894 a 1899. Destacou-se também como autor de revistas de ano e comédias que tiveram grande repercussão na época de suas representações como “A carta anônima” e o “Bendegó” (revista com a colaboração de Oscar Pederneiras), além de trabalhar como secretário de redação d’*A Notícia*.

Os “Diálogos” começaram a ser publicados no dia 23 de julho de 1895 e permaneceram até 20 de janeiro de 1899 — dois meses antes do falecimento do autor—, perfazendo um total de 467 textos. No início, Coimbra assinou seus textos com o pseudônimo de Platão, que foi mantido até 9 de setembro de 1895, quando o autor passou a assinar com as iniciais “F.C.”.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Esta pesquisa está sendo financiada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e orientada pela Profa. Dra. Orna Messer Levin. E-mail: marfe16@hotmail.com.

A coluna “Diálogos” não assumia a forma narrativa como a maioria das crônicas publicadas nos jornais da época, ela aparentava-se com uma cena de teatro, pois era composta apenas por diálogos. Como o autor escrevia tanto para o teatro como para a imprensa e, no teatro especificamente revistas de ano, ele aproveitava dessas formas em suas crônicas.

Muitos autores escreveram sobre Figueiredo Coimbra e sua coluna “Diálogos”, como Artur Azevedo, Medeiros e Albuquerque, Valentim Magalhães e Olavo Bilac; este último publicou dois artigos: um em 1899 na *Gazeta de Notícias*, em sua coluna “Crônica”, e o outro em 1900, na sua coluna “A data” n’*A Notícia*. De “A data”, na qual Bilac falava de acontecimentos históricos que haviam ocorrido na data de cada número, transcrevemos um trecho em que trata do autor e de seus trabalhos:

É que, como cronista, Coimbra tinha uma feição própria, uma maneira sua, — era alguém. Não que o cronista trabalhasse demais o estilo, ou procurasse, para espantar o burguês, ladear de paradoxos mirabolantes o assunto do dia: o seu estilo era sóbrio, não se carregava de exotismos, fluía límpido e calmo como a água de uma fonte; e sereno, claro como o estilo, era o bom humor com que ele aceitava as coisas da vida, com uma tolerância que não confinava com o sarcasmo. Não se pode, pois precisar bem em que consistia a originalidade daquele raro e adorável talento de jornalista: talvez, justamente, nessa difícilíssima ciência de guardar sempre o meio termo, de nunca forçar a nota da ironia ou do entusiasmo. O que é certo é que as *Notas de um simples*, de entre as crônicas que no tempo se publicavam, avultavam com um relevo próprio. E que dizer dos *Diálogos*, — desse vasto animatógrafo, por onde, palpitante e apanhada em flagrante, viva e bulhenta, desfilava diariamente toda a gente carioca, com as suas manias, com os seus *tics*, com seus vícios? Todas as pequeninas tragédias e comédias, que são a vida de uma cidade, eram fixadas ali, em duas dúzias de linhas rápidas; uma rubrica bastava para dar a fisionomia de um personagem, uma curta frase incisiva bastava para gravar um estado de alma (Bilac, 1900: 2).

Bilac ressaltou o estilo do cronista Coimbra, que era “sóbrio” e “sereno” e comparou os “Diálogos” a um animatógrafo, além de observar que na coluna “desfilava diariamente toda a gente carioca, com as suas manias e os seus *tics*”. A “gente carioca” que desfilava nos “Diálogos”, eram os tipos daquela época, tais como profissionais liberais, pais de família, deputados, ministros, eleitores e muitos outros. Além desses, figuravam personagens alegóricas, tais como o Vinho, o Café, a Constituição, o Executivo, a Febre Amarela, a Estrada de Ferro Central do Brasil entre outros.

As personagens proferiam suas opiniões sobre os últimos acontecimentos, davam conselhos e criticavam atitudes dos familiares, dos amigos e do governo; eram reunidas em uma cena dramática que se assemelhava a uma cena teatral solta em que, com muita ironia e graça, dramatizava-se a vida carioca. Assim, a coluna literária adquire um aspecto de crônica, com todas as características do gênero, principalmente as expostas no estudo de Cândido:

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela [a crônica] se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma... (Cândido, 1992: 13).

Nos “Diálogos” os leitores poderiam encontrar “todas as pequeninas tragédias e comédias, que são a vida de uma cidade”, pois na coluna os assuntos abordados se

referiam ao cotidiano da vida brasileira. No dia 9 de julho de 1896, Figueiredo Coimbra, atuando como uma personagem de sua coluna, conversa com outra personagem e explica como eram feitos os “Diálogos”:

- Queres um magnífico assunto para um diálogo?
- Ora se quero.
- O Freitas.
- Que Freitas?
- Aquele meu íntimo amigo, que nunca me deixa...
- Sim, vocês andam sempre juntos.
- O Freitas, com a sua mania de entender de tudo e de dar partidas para arranjar uma posição social... Os convidados comem-lhe os biscoitos, bebem-lhe o chá e não ligam importância ao anfitrião.
- Você fala bem de seu amigo íntimo...
- Conheço-o como aos meus dedos. É um toleirão, que se deixa desfrutar por todos...
- Por todos... ainda bem.
- Não te parece que o assunto é ótimo?
- Você tem muito empenho, em ver o seu amigo metido nos *Diálogos*?
- Acharia graça à pilheria, principalmente por ser obra minha.
- Não há nada que mais nos divirta do que a figura ridícula que pode fazer um nosso amigo do peito, não é verdade?
- Perdão: eu não digo isso...
- Sente-o, apenas. E que papel faço eu neste caso, dando-lhe a satisfação de ridicularizar um amigo íntimo?
- *Tu és o escritor que apanha o assunto humorístico em toda a parte, buscando-o em qualquer pessoa ou em qualquer fato.*
- E que faz o favor de aceitar os que lhe dão os seus camaradas, quando querem divertir-se.
- Ainda me deves agradecer a boa vontade.
- Sem dúvida; confesso-me penhorado, mas permita-me não dispor do seu assunto.
- Por quê?
- Não me agrada muito, e neste momento me ocorre outro incomparavelmente melhor.
- Qual?
- O amigo íntimo... Mas espere: o assunto é o mesmo, porém encarado sob outro ponto de vista.
- Como?
- Você queria o ridículo do seu Freitas dando partidas para arranjar uma posição social. Eu prefiro tratar do amigo do Freitas que o desfruta, ri-se dele à socapa e manda atacá-lo por um terceiro.
- Mas isso não é nada humorístico.
- Entretanto é eminentemente alusivo. A vida tem dessas gracinhas tristes.
- Pois não convém aproveitá-las.
- Por que, se eu não devo discutir o tema?
- Está bem. Fica o dito por não dito. Imagina que não te dei assunto nenhum.
- Muito obrigado. Agora é tarde. Fiz a sua vontade. O diálogo está pronto (Coimbra, 1896: 2).

Nesses “Diálogos” percebe-se como a coluna realizava a representação do cotidiano, pois como afirma a personagem, Coimbra é o escritor que “apanha o assunto humorístico em toda a parte, buscando-o em qualquer pessoa ou em qualquer fato”.

Assim, as cenas passavam-se não só na Rua do Ouvidor, mas também em outras ruas do Rio de Janeiro, nos teatros, nos salões de festas, nas casas de família, nas redações dos jornais, representando, assim, o que acontecia nos mais diferentes lugares do Rio de Janeiro. O espaço, geralmente, é caracterizado pelo discurso das personagens,

mas em alguns “Diálogos” há um narrador que descreve o espaço. A maioria das cenas resulta de encontros entre cariocas, — encontros casuais, principalmente nas ruas.

Em alguns “Diálogos”, o tempo nas cenas é expresso por um narrador, nas rubricas; em outras o leitor é levado a pensar que se trata de diálogo ocorrido recentemente, pois não há, de modo geral, menção do dia ou das horas.

Dessa forma, os temas retirados de “toda a parte”, principalmente dos fatos cotidianos, prende a coluna aos propósitos da crônica. Em seu aspecto estético, os “Diálogos” combinavam características tanto da crônica como das revistas de ano, estabelecendo uma ligação entre essas duas formas literárias. Das revistas de ano estavam os personagens-tipo e a comicidade; e da crônica a representação do cotidiano, com observação aos fatos correntes no dia-a-dia.

A revista de ano é uma forma teatral pouco estudada, mas o estudo desse gênero pode servir de parâmetro para aqueles que querem tomar conhecimento dos acontecimentos do final do século XIX, período mais fecundo das revistas, que, quando bem sucedidas, arrastavam grande público aos teatros cariocas.

Para se obter uma boa realização desse gênero teatral, de origem francesa, o teatrólogo deveria ter a capacidade de observação dos fatos sociais, políticos e culturais, com uma visão crítica do mundo que o circundava. Como explica João Roberto Faria:

[...] a revista – ou qualquer outro gênero satírico – alimenta-se fundamentalmente do olhar atento do escritor ao mundo à sua volta. Quanto maior for a sua capacidade de filtrar a graça e o paradoxo dos acontecimentos que teatraliza, maiores serão as suas chances de articular satisfatoriamente no interior do texto o artístico e o documental (Faria, 1998: 71).

Na constituição dos “Diálogos” está presente um elemento típico das revistas de ano, que são as personagens-tipo. A tipificação era um dos procedimentos mais constantes nas revistas de ano, onde as personagens, para que a platéia teatral pudesse reconhecer nelas elementos convencionais das revistas, pareciam marcadas por particularidades bem nítidas, mas apresentavam contornos bastante elásticos e universais (cf. Sússekind, 1986: 94-95).

Figueiredo Coimbra extraiu das revistas de ano as características de personagens alegóricos e a mimese, além da comicidade, transpondo, nos “Diálogos”, todas essas características, em forma de crônica, mas com aspecto de cena teatral.

Afrânio Coutinho explica que a crônica se consolidou como tal no século XIX, com o desenvolvimento da imprensa, assim “ ‘crônica’ e ‘cronista’ passaram a ser usados com o sentido atualmente generalizado em literatura: é um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo” (Coutinho, 1997: 121). A matéria-prima da crônica é o cotidiano. Retrata o tempo, os fatos, observando a vida, o presente, as experiências e as reflexões humanas; dizendo as coisas mais sérias de uma maneira completamente sutil. Coimbra, em tom humorístico, tratava em seus “Diálogos” de assuntos como casamento, amizades, corrupção dos políticos, eleições, jogatina e outros, dando assim um aspecto de crônica para a coluna. Assim, a coluna, como as crônicas assumem um papel documental. Considera-se, a propósito, a afirmação de Margarida de Souza Neves:

No caso específico das crônicas cariocas produzidas na passagem do século XIX ao século XX, é possível uma leitura que as considere “documentos” na medida em que se constituem como um discurso polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um “tempo social” vivido pelos contemporâneos como um momento de transformação. “Documentos” portanto, porque se

apresentam como um dos elementos que tecem a novidade desse tempo vivido. “Documentos”, nesse sentido, porque “monumentos” de um tempo social que conferirá ao tempo cronológico da passagem do século no Rio de Janeiro uma conotação de novidade, de transformação, que cada vez mais tenderá a se identificar com a noção de “progresso” (Neves, 1992: 76).

A maioria das crônicas assume a forma de narrativa, o que não acontece nos “Diálogos”. No ensaio “A estampa da rotativa na crônica literária”, Luiz Roncari explica como as crônicas podem ser constituídas; algumas das formas por ele relacionadas aplicam-se ao caso de “Diálogos”:

[...] a crônica usa e abusa da variedade dos pequenos gêneros, dos simples aos mais complexos, na sua composição: *diálogos do cotidiano*, retratos, tipos, *cenar cômicas e dramáticas*, versos, sonetos, relatos, narrativas, casos, comentários, contos, confissões, descrições líricas, sátiras, paródias, etc. (Roncari, 1985: 14, grifos nossos).

Os “Diálogos”, com suas “cenar cômicas e dramáticas”, reproduziam literariamente o tempo, as situações, os fatos e a história do povo carioca do final do século XIX de um modo tênue e humorístico.

Assim, a partir do estudo da coluna literária “Diálogos”, pode-se traçar alguns aspectos estéticos híbridos, que permeiam a literatura brasileira. Pois a crônica é forma híbrida, mas também mantém uma estética híbrida. Sobre esse aspecto, Tele Porto Ancona Lopez observa que “a crônica, por força de seu discurso híbrido — objetividade do jornalismo e subjetividade da criação literária —, une com eficácia código e mensagem, o ético e o estético, calcando com nitidez as linhas mestras da ideologia do autor” (Lopez, 1992: 167).

O estudo da crônica é de total relevância para a literatura, pois ao estudar aspectos do desenvolvimento da crônica no Brasil, em seu surgimento, pode-se repensar os caminhos estéticos adotados em toda a história da crônica.

O jornalismo, no século XIX, foi muito importante para a literatura brasileira, pois era através dos periódicos que os escritores publicavam suas produções literárias. A partir desse aspecto, pretende-se com essa pesquisa promover um conhecimento da crônica brasileira em suas diferentes formas estéticas, estudando a proposta criativa desenvolvida na coluna por Figueiredo Coimbra. Objetiva-se, também divulgar textos inéditos, de estimável valor literário, extraídos dos “Diálogos”, que possam inclusive fornecer subsídios para estudos de caráter histórico ou sociológico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARRIGUCCI JR., D. (1985). “Fragmentos sobre a crônica”, in: *Boletim bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade, vol. 46, jan.-dez., pp. 43-53.
- B. [Olavo Bilac]. (1900) “A data”, in: *A Notícia*. Rio de Janeiro, 23 março.
- CANDIDO, A. (1992). “A vida ao rés-do-chão”, in: CANDIDO, A. *et alii*, *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, pp. 13-22.
- COUTINHO, A. (1997). “Ensaio e crônica”, in: COUTINHO, A.; E. F. COUTINHO (orgs.), *A literatura no Brasil*. Vol. 6. São Paulo: Global, pp. 117-143.
- FARIA, J. R. (1998). *O teatro na estante*. Cotia: Ateliê Editorial.
- F.C. [Figueiredo Coimbra] (1896). *A Notícia*. Rio de Janeiro, 9 julho.
- LOPEZ, T. P. A. (1992). “A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam”, in: CANDIDO, A. *et alii*, *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, pp. 165-188.

- NEVES, M. S. (1992). "Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas", in: CANDIDO, A. *et alii*, *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, pp. 75-92.
- RONCARI, L. (1985). "A estampa da rotativa na crônica literária", in: *Boletim Bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade, vol. 46, jan.-dez, pp. 9-16.
- SÜSSEKIND, F. (1986). *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Casa de Rui Barbosa.